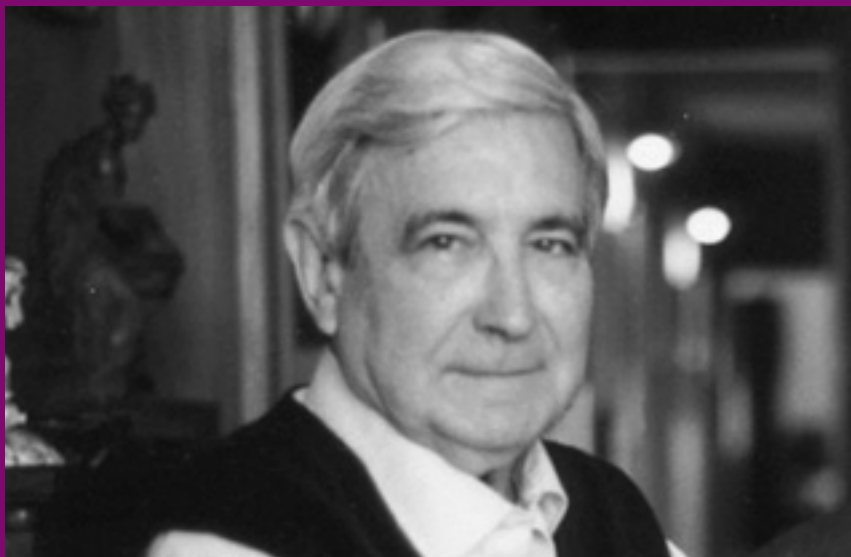




ANTONIO BONET CORREA

Reputado especialista do Barroco e catedrático emérito de História da Arte da Universidade Complutense, o Professor Antonio Bonet Correa é o actual director da Real Academia de Belas Artes de San Fernando de Madrid.

Autor de uma obra bastante vasta, é uma das principais referências da historiografia deste período, sobretudo em Espanha e no mundo hispano-americano. Livros como *La arquitectura en Galicia durante el siglo XVII* (resultante da sua tese de Doutoramento), *a Andalucía Barroca. Arquitectura y urbanismo, Morfología y ciudad. Urbanismo y arquitectura durante el Antiguo Régimen en España* ou *Monasterios Iberoamericanos* assinalam todo um percurso que inclui ainda o *Atlas Mundial do Barroco*, patrocinado pela UNESCO. A que se acrescentam os volumes sobre *Monasterios Reales del Patrimonio Nacional*, ou *Fiesta, poder y arquitectura. Aproximaciones al Barroco Español* e, mais recentemente, *La Plaza del Obradoiro*.

Comissário, também, de numerosas exposições, nelas se projectaram as suas ideias

e perspectivas de historiador. Designadamente a dedicada a *Filippo Juvarra e l'architettura europea*, na que teve por tema a época de Fernando VI e Bárbara de Bragança, intitulada *Un reinado bajo el signo dela Paz*, ou ainda, no âmbito mais restrito da pintura, na que se ocupou de Zurbarán. Como se depreende desta enumeração, os problemas da arquitectura e do urbanismo têm merecido um lugar de destaque na sua actividade. O pequeno volume de 1989, *Las claves del urbanismo*, resume aliás os seus pontos de vista sobre a matéria, a que regressa com *El urbanismo en España e Hispanoamérica* e, fora já do âmbito da Barroco, com o estudo sobre Ildefonso Cerda. Da mesma maneira que a tratadística, sobre a qual reuniu uma colectânea de artigos em *Figuras, modelos e imágenes en los tratadistas españoles*, e a cartografia, reflectida na *Cartografía militar en plazas fuertes y ciudades españolas de los siglos XVII y XVIII*.

Tendo trabalhado também sobre a época medieval e o século XX, dirigiu obras colectivas sobre a *Arte del Franquismo*,

*Picasso en España* e *El Surrealismo*, revelando uma vocação de contemporanista inerente à sua atitude como historiador. Daí o ter desempenhado os cargos de presidente da Associação Espanhola de Crítica de Arte e da ARCO, não sendo, por isso, de estranhar, a publicação em 1980 de um ensaio da sua autoria sobre a pintura de Maria Helena Vieira da Silva.

Antigo director do Museu de Belas Artes de Sevilha e, anos mais tarde, do Museu da Real Academia a que agora preside, é académico correspondente da Academia de Belas Artes de Portugal, tendo sido colaborador da revista *Colóquio-Artes* da Fundação Calouste Gulbenkian. Tendo participado no júri de provas académicas, em colóquios e proferido conferências no nosso país, a sua bibliografia, ainda que não incidindo directamente na história portuguesa, é bem conhecida entre nós como uma das bases indispensáveis à formulação e discurso dos problemas do Barroco peninsular.

CARLOS MOURA

## COM ANTONIO BONET CORREA

---

CONDUZIDA POR CARLOS MOURA

---

# Entrevista

Quais eram os seus interesses nos anos de estudante em Lugo e Santiago de Compostela, como nasceu o gosto pela História da Arte? Que aspectos marcaram, nesse momento, a sua geração na Galiza e noreste da Espanha?

Durante mis años de estudio en la Universidad de Santiago de Compostela se acrecentó mi interés por la Cultura gallega del pasado. Yo procedía de una familia de marcada tendencia vanguardista en lo literario y lo artístico, pero que quería encontrar las raíces de lo universal en lo genuinamente galaico o “enxebre”; es decir, lo peculiar de un territorio peninsular que desde la romanización, pasando por el periodo del Camino de Santiago, había pertenecido a una Europa que ahondaba en el espíritu occidental.

A Santiago seguiu-se Paris, de novo o principal centro artístico da Europa, com o seu cosmopolitismo e o prestígio intelectual da Sorbonne. Que memória conserva da atmosfera desse período, que meios frequentava? Como acompanhava a actividade artística, as tendências e os debates críticos da vanguarda?

En París encontré el mundo intelectual al que mi familia ya estaba vinculada. También el ámbito de libertad que faltaba en la España franquista. Mis contactos con los profesores franceses y los artistas españoles que residían en Francia y el com-

pañerismo con los artistas de mi edad, me sirvió para entrar en el debate ideológico de una nueva vanguardia europea.

Dos seus mestres de então, costuma destacar Élie Lambert. Mas também Pierre Lavedan e Georges Gaillard. De que modo cada um deles influenciou na sua maneira de entender a História da Arte como disciplina no plano teórico e no da prática metodológica? Que outras personalidades conheceu e gostaria de recordar aqui? Foi nesta ocasião que travou conhecimento com José-Augusto França?

Mi relación y amistad con Lambert, Lavedan y Gaillard fue muy fructífera. De cada uno de ellos aprendí mucho: método y contenido.

Aunque no fui a las clases de França siempre tuve mucho respeto y admiración por sus ideas y forma de enfocar la historia del arte. Mi amistad con José-Augusto França comenzó entonces y se acrecentó en los años posteriores cuando yo ya había regresado a España e iba de viaje a Portugal.

Seria *La Arquitectura en Galicia durante el siglo XVII* que viria a constituir o primeiro grande marco da sua carreira. Abordando um arco temporal compreendido entre cerca de 1590 e cerca de 1710, acompanha o desenvolvimento do Classicismo seiscentista, que perdura mesmo depois do surto inicial do primeiro Barroco, nos anos de 1660. Ora, isto vai ao encontro do problema de fundo de o *Barroco e Classicismo* de Victor Tapié. Parece-lhe possível conjugar os termos da História da Arquitectura Galega deste período com a visão à escala europeia de Tapié?

Interessante também, do ponto de vista português, é a consideração das ligações com o nosso país, em que avulta a figura de Mateus Lopes, representante de uma família de artistas activos no Norte de Portugal e da Galiza em sucessivas gerações. Que significado atribui a estas relações artísticas nos séculos XVII e XVIII?

Mi tesis doctoral sobre “La arquitectura en Galicia en el siglo XVII”, me llevó a estudiar y conocer mejor el mundo artístico lusitano. Hay que decir que en el orbe literario mi formación desde la infancia incluía el conocimiento de todo lo portugués, vinculado al espíritu atlántico. A Tapié, hombre elegante e intelectual puro, lo conocí de cerca y lo admiré por su gran capacidad de síntesis. Era un personaje como de otra época tanto por sus ideas como por su forma de vestir, sus gestos y cortesía propia de un caballero del siglo de Luis XIV. Indudablemente tanto el Barroco en Galicia como en Portugal, se integran perfectamente al contexto de la visión europea de Tapié. Las fronteras entre Galicia y Portugal se borran cuando se estudian figuras como las de Mateus Lopes. La simbiosis de las dos culturas es natural y nada extraña. Hay una comunidad que estaba por encima de las diferencias políticas de la época.



Recordando os estudos que desenvolveu sobre a Andaluzia, pensa ser esta região um caso exemplar dos particularismos, digamos, da «civilização do Barroco», em que o regional não é antagónico do universal? Como relaciona esta questão com a recepção dos modelos andaluzes no continente americano?

El caso de Andalucía es muy especial. Andalucía fue un territorio que asimiló toda la cultura de los pueblos que la invadieron desde la Antigüedad hasta finales de la Edad Media. Lo curioso es que siendo tan suyo, aparte del resto desde el aspecto formal, haya digerido todas las aportaciones de Oriente y Occidente, hasta convertirlas en algo peculiar y andaluz.

Em Abril de 1973 participou em Braga no Congresso sobre a Arte em Portugal no século XVIII, que homenageava a figura do arquitecto e entalhador setecentista André Ribeiro Soares. Presumo que terá conhecido de perto alguns historiadores que se ocupavam das coisas portuguesas. Robert Smith e Flávio Gonçalves são citados por si. Que ideia retém sobre o ponto da situação dos estudos sobre o Barroco nesse momento?

El Congreso en Braga de 1973 fue importantísimo para el estudio del Barroco en la península ibérica, tanto el portugués como el español. La muerte de Picasso coincidió con el Congreso y supuso una conmoción para todos los que allí estábamos reunidos. Tanto Robert Smith como Flavio Gonçalves eran historiadores del arte muy cumplidos e importantes. Gracias a ellos se renovó el interés por el Barroco portugués y aportaron puntos de vista nuevos que profundizaron en la categoría estética de uno de los espacios barrocos más peculiares de la época.



O urbanismo tem sido outro dos seus campos de estudo, que não é independente da arquitectura, pois, como explica numa das páginas de *Morfología y ciudad*, o conhecimento do traçado das cidades espanholas pode contribuir para a resposta de problemas colocados pelos historiadores da arquitectura. Sobretudo o urbanismo da época barroca, já que, como diz ainda, o centro histórico de grande parte destas cidades chegou ao século XX. A sua chave reside na Plaza Mayor, nascida em Valladolid e maturada em Madrid. Sendo este morfologicamente o sinal identitário da cidade espanhola, como é que ele se individualiza no âmbito da noção mais geral de praça barroca?

No hay posibilidad de entender la arquitectura barroca a fondo si no es desde el urbanismo. Las ciudades son el resultado de la forma material y espiritual de

un pueblo. Dentro de los lineamientos propios de cada siglo se van formando las ciudades con sus propias peculiaridades sociales y culturales. De ahí la diversidad de cada área urbana, ya portuguesa o castellana. Las plazas mayores son características de una determinada área española. En América las plazas mayores tienen otras formas.

No prólogo do mesmo *Morfología y ciudad*, de 1978, observava não terem estes temas merecido grande atenção dos historiadores anteriores, congratulando-se, por isso, encontrar nas gerações mais jovens uma atitude completamente diferente, bastante prometedora para a renovação dos estudos. Em Portugal, depois de *Lisboa Pombalina* de José-Augusto França (uma tese defendida em Paris), tivemos *Vila Real de Santo António, urbanismo e poder na política pombalina*, de José Eduardo Horta Correia, tese de Doutoramento de que o Prof. Bonet Correa foi o seu arguente principal. Gostaria de comentar a evolução dos estudos de Urbanismo?

José-Augusto França y Jose Eduardo Horta Correia han publicado obras fundamentales para el conocimiento del urbanismo portugués a nivel universal. Gracias a ellos se ha podido ver con nuevos ojos y entendimiento no sólo el urbanismo en Portugal, sino también el urbanismo en el Brasil.

A tratadística é outra das linhas de força da sua actividade de historiador. *Figuras, modelos e imágenes em los tratadistas españoles*, permite-nos ficar a saber mais sobre personalidades da envergadura de Juan de Arfe e Villafañe ou de Juan Caramuel, cujas obras foram conhecidas também entre nós. Caramuel é, para mim, talvez a figura mais interessante, que encontrei mencionado no catálogo da biblioteca do Mosteiro de Alcobaça. Como situa esta personagem, com todo o seu cosmopolitismo, na cultura barroca da Europa do seu tempo?

En la tratadística europea de arquitectura la figura de Caramuel es esencial. Su influencia fue extraordinaria en lo teórico. Hombre cosmopolita encarna un tipo de intelectual que enlaza la Edad Media con la modernidad del Barroco en la que culminan las ideas más extravagantes cuando se intentan racionalizar desde las normativas neoclásicas.

A relação da arte com o poder, ou melhor, a relação da arte com as práticas dos poderes é outro dos pólos da sua actividade de historiador. O Prof. Bonet Correa estudou, por exemplo, alguns dos aspectos da festa e da arquitectura efêmera na arte do franquismo, com os seus desfiles patrióticos, militares e de trabalhadores, análogos às festas e procissões do Siglo de Oro. Por vezes, ao ler os seus trabalhos, fica um



pouco a ideia que existe em tudo isto, ou na arte barroca promovida pela Coroa, um desígnio de ocultação do declínio cada vez mais evidente da monarquia espanhola. Poderia esclarecer melhor o seu ponto de vista?

La fiesta es un capítulo capital para el conocimiento de cualquier momento histórico. Es lo excepcional dentro de un orden establecido y que para mantenerse necesita la válvula de escape de lo irracional y el mundo al revés. Las épocas de crisis y de decadencia han sido siempre las más dadas a lo festivo.

A arte efêmera é apenas uma das áreas que passou a fazer parte da História da Arte. Com efeito, a nossa disciplina tem alargado bastante as suas fronteiras e objecto de estudo. Novas disciplinas, como os «Visual Studies» têm vindo a ganhar terreno. Ao que parece, segundo dizia James Elkins, do Art Institute de Chicago, em entrevista no número anterior desta revista, os jovens estudantes americanos estão mais interessados nas imagens da publicidade do que em Miguel Ângelo. Ora, quem diz Miguel Ângelo pode dizer Bernini, ou toda magnífica arte, também ela publicitária, do Barroco. Como observa, nesta época de crise e transformações profundas, o que se passa na História da Arte? Como encara os desenvolvimentos futuros dos estudos sobre o Barroco, que orientações preconiza com maior urgência neste domínio?

El arte efímero roza siempre la irrealidad de lo virtual. Nuestra época tiene paralelismos con el Barroco. Sin duda alguna nuestros jóvenes colegas historiadores del Arte están más capacitados para entender el legado y la significación actual de lo que fue el Barroco.